



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/751>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2013 by Centro Universitario UNIABEU. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

ROCHA, João Cezar de Castro. *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* Chapecó: Argos, 2011.

Diego Gomes do Valle¹

Será que a época dos grandes debates, das grandes polêmicas intelectuais não se pode repetir nos nossos dias? Há saída para o marasmo e para a repetição que reinam em nosso meio? Polêmicas como as de Romero e Machado, Romero e Veríssimo, Haroldo e Cândido, Carpeaux e Bernanos, ou debates como o de Mário Ferreira dos Santos e Caio Prado Junior, são, deixando de lado as questões pessoais, oportunidades grandiosas para se conhecerem com profundidade posicionamentos antitéticos e que buscam sua superioridade. O livro que resenharemos a seguir, *Crítica literária: em busca do tempo perdido?*, de João Cezar de Castro Rocha, é um elogio à polêmica, uma apologia do confronto intelectual.

No ano de 1948, Afrânio Coutinho encabeçou uma famosa polêmica, a saber, defendeu a crítica acadêmica, a preparação técnica do crítico, em oposição ao dito impressionismo da chamada `crítica de rodapé_, que até então imperava no contexto brasileiro. O maior representante, e principal alvo de Coutinho, desta última era Álvaro Lins. O presente livro é, antes de qualquer coisa, uma recuperação histórica, uma reavaliação de todo o contexto que preparou e testemunhou esse embate; desvelando assim um panorama menos maniqueísta, mais complexo: `A célebre polêmica de 1948 não deve ser vista como o triunfo da cátedra sobre o rodapé, mas, no máximo, como uma primeira tentativa de criar novas bases para o programa de futuros cursos de Letras dedicados à criação de especialistas_ (Rocha, 2011, p. 21). O autor diz isso após relatar que os cursos de Letras existentes naquele período não tinham a especificidade que se exigia para o ofício de crítico. Provas inequívocas são os testemunhos de nomes como Roberto Schwarz, Luiz Costa Lima, João Alexandre Barbosa, Haroldo de Campos e Antônio Cândido, que, por encontrarem uma proposta abrangente e generalista demais nos cursos de Letras, escolheram outras áreas para cursarem o ensino superior.

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná e doutorando em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil. diegouab@gmail.com

Interessante observar que o livro se divide em três principais objetivos, que são: 1) reavaliar a polêmica Coutinho-Lins sob um ponto de vista mais abrangente; 2) analisar o processo de institucionalização do curso de Letras no Brasil; 3) Por fim, o papel da crítica contemporânea, muito influenciada pelos dois objetivos anteriores. Sendo assim, mais do que uma recuperação histórica, João Cezar, tomando posições objetivas e claras, propõe soluções para o impasse crítico no qual estamos há tempos.

A propósito, em sua análise da polêmica - não de *uma* polêmica, mas da ação humana chamada polêmica -, o autor critica duramente as posturas de Flora Süssekind e Luiz Costa Lima, que `partem de uma concepção predeterminada, vale dizer, normativa de literatura e de sistema intelectual, cujos pressupostos nunca são por eles questionados. Pelo contrário, são aceitos como :naturalmente` superiores às demais concepções_ (Rocha, 2011, p. 43). Ele diz isso porque tanto Luiz Costa Lima (1981, pp. 16-17) como Flora Süssekind (1985, p. 41) apontam aspectos unicamente negativos da polêmica, sem abordar o que há de produtivo e necessário para o desenvolvimento das ideias, que é o que João Cezar busca explicitar em grande parte do livro.

O autor reitera diversas vezes que não idealiza a polêmica, isto é, que não desconsidera o caráter bélico, inerente à polêmica (*pólemos*, em grego, significa `guerra_), e que tal enfrentamento nem sempre converge para um duelo de ideias, pois se sai do *argumentum ad res* (o confronto de ideias), para se chegar ao *argumentum ad hominem* (que é o ataque deliberado à pessoa do oponente). O exemplo mais clássico do *argumentum ad hominem*, na história brasileira, talvez seja a gagueira de Machado de Assis, tão mordazmente apontada por Sílvio Romero (o que não anula a importância positiva daquela polêmica)². A importância da polêmica, segundo o autor, reside no fato de que os polos opostos se estudam metodicamente, assimilam as posições opostas e, principalmente, formalizam suas posições com rigor, para que expressem enfaticamente sua superioridade.

O que vemos atualmente, segundo o autor, é `a polêmica propriamente dita não tem voz, pois não se trata de disputar a hegemonia intelectual, mas de acomodar-se ao discurso vitorioso da vez_ (Rocha, 2011, p. 65). Instaura-se assim o marasmo, para o qual a saída apontada é a revitalização da polêmica, compreender sua estrutura, colocá-la em ação. Este processo de revitalização se inicia por uma compreensão adequada das polêmicas que em

² Em palestra sobre o romance de Georges Bernanos, *Sob o sol de Satã*, João Cezar aponta que Sílvio Romero foi o maior leitor de Machado de Assis no calor da hora, pois, ao apontar os defeitos do Bruxo, sem saber estava apontando o que havia de mais inovador em Machado. Acesse a palestra neste link: http://www.erealizacoes.com.br/espaco/janelaVideo.php?video=Palestra_SobOSolDeSata_lancLivro&posicao=2

nossa história figuram, por uma observação de tais polêmicas para além dos argumentos *ad hominem*, entendendo as bases que sustentam cada posição.

Uma das teses deste livro é que a polêmica pode renovar as bases de um sistema intelectual, pois origina o que o autor chama de `sistema interno de emulação`:

a polêmica supõe a criação do que sugiro denominar `sistema interno de emulação`, uma vez que confronta no interior de um mesmo registro discursivo, levando-os ao exame interessado dos textos do adversário. Vale dizer, a rivalidade de opções, sejam ideológicas, sejam estéticas, constitui um elemento dinâmico que favorece a estruturação sistêmica, seja do sistema intelectual, seja do sistema de artes, pois a necessidade de desautorizar a argumentação do adversário depende da exposição dos próprios pressupostos (Rocha, 2011, pp. 70-1).

Neste sistema, a figura do mediador é de suma importância. Romero, Veríssimo, Coutinho, Lins, Cândido, são todos mediadores culturais; suas posições não valem somente por si, mas pelo impacto que causam na massa leitora. É neste momento que outro elemento essencial entra nesta discussão: a imprensa. A história da evolução do gênero jornalístico influenciou grandemente os rumos da polêmica entre cátedra e rodapé - num âmbito internacional inclusive. O autor mostra como Vico, em 1708, já se preocupava com as desvantagens da imprensa e com a importância do mediador, atuante nos jornais, entre os livros e o público. Trata-se da mesma preocupação de Afrânio Coutinho, que, após passar certo tempo nos Estados Unidos, retorna ao Brasil polemizando sobre a qualidade da mediação cultural aqui nos tristes trópicos. Coutinho (1953, p. V) pregava uma especialização do ofício, um trabalho científico mesmo, que somente a Academia poderia dar ao mediador.

A preocupação é louvável, mas a história nos mostra (pelos registros que João Cezar nos traz) que nem o rodapé era exatamente `impressionista`, isento de cientificidade, e muito menos a cátedra era um primor de cientificidade. Prova disso é que o currículo do curso de Letras não refletia, à época da polêmica (por volta dos anos 1950), as condições necessárias para a formação de um crítico nos moldes da tão esperada crítica acadêmica. Da mesma forma, os críticos de rodapé foram formados num período cultural de altíssimo repertório; a maioria deles (Álvaro Lins, Augusto Meyer, Otto Maria Carpeaux, Brito Broca, Sérgio Milliet e outros) representava - e ainda representa - um ponto alto de saber cultural de nossa história.

Por outro lado, `a formação das primeiras gerações dos cursos de Letras estava muito distante do rigor do método e do conceito moderno de teoria da literatura` (Rocha, 2001, p. 208). Ou seja, a reivindicação de Coutinho só poderia se efetivar muito mais tarde, por meio de uma complexa relação com um certo movimento literário: o Modernismo. Movimento este

que, movido pelo espírito vanguardista, proporcionou experimentações literárias que buscavam destronar (para usar um adjetivo leve) nosso passado literário. Ao passo que `em alguma medida, a Teoria da Literatura tornou-se a disciplina cujo horizonte abarcou o estudo dessas experimentações, criando condições para transformar tensão em produtividade_ (Rocha, 2011, p. 315). Sendo assim, após um percurso nada linear e positivo, cátedra e modernismo se inter-relacionam em suas respectivas vitórias, as quais foram influenciadas, em parte, pelas mudanças da linguagem jornalística ocorrida no pós-Segunda Guerra (determinantes na derrocada do rodapé).

O autor finaliza seu périplo sugerindo um tipo de crítico mediador adequado ao panorama atual de nossa cultura: seria o `crítico esquizofrênico_. A esquizofrenia se deve ao duplo papel de tal crítico, a saber, de saber manejar e conviver com os meios acadêmicos, e ser competente para falar com o grande público. João Cezar esclarece, com alguma satisfação, que a ideia não é nova, tanto que cita dois exemplos de críticos que fizeram com maestria o que ele sugere: Mário Faustino e Antônio Cândido. Ambos, cada um com suas peculiaridades, implodiram esta fronteira entre academia e jornal, por meio da estratégia de `informar e, ao mesmo tempo, formar. Ou seja, aprender a dirigir-se simultaneamente a mais de um tipo de público_ (Rocha, 2011, p. 376).

Sendo assim, João Cezar de Castro Rocha consegue, por meio de uma erudição muito sólida, passar pela história das polêmicas e sair dela com um diagnóstico atual e com uma proposta coerente para sanar o problema do marasmo crítico atual. É bem verdade que, pela complexidade dos temas levantados nesta obra, terminamos o livro com a sensação de que cada assunto poderia ter rendido um livro à parte, uma abordagem isolada. Creio que Bernard Lonergan, em seu monumental *Insight: um estudo do conhecimento humano*, dá o tom de como devemos compreender esta sensação que me acometeu: `Posso apenas oferecer o contributo de um só homem e, em seguida, esperar que outros, sensíveis aos mesmos problemas, reconheçam que os meus esforços abreviam o seu próprio trabalho e que as minhas conclusões fornecem uma base para ulteriores desenvolvimentos_ (Lonergan, 2010, p. 38).

Desta maneira, devemos enxergar na limitação do desenvolvimento esperado um sinal para que continuemos este périplo, que apenas começou a ser trilhado.

COUTINHO, Afrânio. *Correntes cruzadas: questões de literatura*. Rio de Janeiro: A noite, 1953.

LIMA, Luiz Costa. Da existência precária: o sistema intelectual no Brasil. In: _____. *Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

LONERGAN, Bernard. *Insight: um estudo do conhecimento humano*. Trad: Mendo Castro Henriques e Artur Morão. São Paulo: É Realizações, 2010.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* Chapecó: Argos, 2011.

SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Recebido em 17 de janeiro de 2013.

Aceito em 15 de maio de 2013.